



## GRACILIANO RAMOS EM OUTRAS TERRAS

### GRACILIANO RAMOS IN OTHER REALMS

Elizabeth Ramos\*

#### RESUMO

O artigo assinala a trajetória temporal e espacial das traduções dos romances *São Bernardo* (1934) e *Vidas secas* (1938), além da narrativa de memória *Infância* (1945), para diferentes línguas publicadas entre as décadas de 1950 e 1990, detendo-se em seguida, especificamente, nas traduções de *Vidas secas* que incluem glossário, isto é, naquelas publicadas em alemão, dinamarquês, espanhol argentino e cubano, flamengo, francês, holandês e italiano, no sentido de identificar os itens culturais específicos do sertão alagoano comuns às três obras do escritor Graciliano Ramos, buscando sinalizar a preferência ou não dos tradutores pelo estranhamento linguístico ao longo do texto traduzido. O artigo comenta, ainda, sobre a tarefa de diferentes tradutores e editoras estrangeiras com relação à tradução e publicação de obras do escritor alagoano, em particular, e da literatura brasileira de maneira geral.

**Palavras-chave:** Graciliano Ramos; tradução; cultura.

#### ABSTRACT

*The article points out the temporal and spatial path of the translations of the Brazilian novels *São Bernardo* (1934) and *Vidas secas* (1938), in addition to the narrative of memory *Infância* (1945), into different languages published between the 1950s and 1990s, concentrating, specifically, in the translations of *Vidas secas* which include a glossary, that is, those published in German, Danish, Argentine and Cuban Spanish, Flemish, French, Dutch and Italian, in order to identify the cultural items specific of the backlands in Alagoas present in the three works of the Brazilian writer Graciliano Ramos, seeking to signal the translators' preference or not for linguistic strangeness throughout the translated text. The article also comments on the task of different foreign translators and publishers in relation to the translation and publication of works by the writer from Alagoas in particular, and Brazilian literature in general.*

**Keywords:** Graciliano Ramos; translation; culture.

\* Professora Doutora associada da UFBA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7097-5215>

[...] traduções de universos assim distintos abrem os olhos de leitores e ouvintes, preparam-nos para captar situações diferentes das próprias, fazem-nos admitir comportamentos distintos e tornam-nos receptivos para, emocionalmente, integrar-se de alguma forma no sofrimento, nas alegrias, enfim, nas vicissitudes de um indivíduo que passa a ser representativo para um povo<sup>1</sup> (ROSENTHAL, 1990).

A partir da epígrafe de Edwin Rosenthal, trago parte de um estudo que conduzi há alguns anos e nunca divulguei em meio impresso, em que exploro traduções de parte da obra de Graciliano Ramos publicadas em vários países, para diferentes idiomas, entre as décadas de 1950 e 1990. A mim interessava observar os recursos utilizados pelos tradutores, para recriar em outra língua a linguagem e a cultura do sertão de Alagoas que o escritor brasileiro insere em seus romances *São Bernardo* (1934) e *Vidas secas* (1938), além da narrativa de memória *Infância* (1945), para reconstruir a condição humana.

O interesse derivou do fato de que a tradução da obra do Velho Graça impõe duas grandes dificuldades aos tradutores: o uso preciso da palavra e os termos próprios do falar alagoano. Assim, a tarefa de traduzir Graciliano é árdua e digna de apreço, dada a imensa dificuldade e o fato de contribuir para a divulgação de uma parcela da literatura e da cultura brasileiras em outras terras.

Em pesquisa conduzida na biblioteca e nos arquivos do escritor brasileiro mantidos pelo Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), na Universidade de São Paulo (USP), constatei que a primeira obra do Mestre Graça traduzida foi o romance *Angústia*, para a língua inglesa, publicado em 1946, nos Estados Unidos, sob o título *Anguish*, numa tradução de L. C. Kaplan. A tradução inclui um pequeno glossário com dezesseis termos (batuque, caboclo, cabra, cangaceiro, capote, catinga, conto, ganzá, matheu, mil-réis, nickel, praça, reis, reisado, rua, tostões) e foi publicada simultaneamente no Canadá.

A partir dessa data, e concentrando-me nos textos que interessavam à pesquisa, constatei que, na década de 50, foram publicadas as seguintes traduções:

Obra	País	Ano	Título	Tradutor
<i>Vidas secas</i>	Polônia	1950	<i>Zwiedle Zycie</i>	Janina Wrzoskowa
	Tchecoslováquia	1952	<i>Výprahlé Zivoty</i>	Vlasta Havlínová
	Argentina	1958	<i>Vidas Secas</i>	Bernardo Kordon
<i>São Bernardo</i>	Portugal	1957	<i>São Bernardo</i>	-
<i>Infância</i>	França	1956	<i>Infance</i>	-

Os anos 60 foram pródigos na publicação de traduções dos três títulos, segundo pude observar:

Obra	País	Ano	Título	Tradutor
<i>Vidas secas</i>	Itália	1961	<i>Terra Bruciata</i>	Edoardo Bizzarri
	Itália	1963	<i>Siccità</i>	Edoardo Bizzarri
	França	1964	<i>Sécheresse</i>	Marie-Claude Roussel
	Cuba	1964	<i>Vidas Secas</i>	-
	Portugal	1965	<i>Vidas Secas</i>	-

<sup>1</sup> ROSENTHAL, 1990, p. 176.

	Estados Unidos	1965	<i>Barren Lives</i>	Ralph Dimmick
	Romênia	1966	<i>Vieti Seci</i>	Andrei Benedek
	Alemanha	1966	<i>Nach Eden ist es weit</i>	Wilhelm Keller
	Bulgária	1969	<i>Cyx Knbot</i>	-
<i>São Bernardo</i>	Alemanha	1960	<i>São Bernardo</i>	Wilhelm Keller
	Finlândia	1961	<i>São Bernardo</i>	Maija Westerlund
	Hungria	1962	<i>Emberfakas</i>	Benyhe János
	Portugal	1962	<i>São Bernardo</i>	-
<i>Infância</i>	Portugal	1964	<i>Infância</i>	-

Na década de 70, são publicadas as seguintes traduções de *Vidas secas*, *São Bernardo* e *Infância*:

<b>Obra</b>	<b>País</b>	<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Tradutor</b>
<i>Vidas secas</i>	Bélgica	1971	<i>De Doem van de droogte</i>	Rudolf Simoens
	Espanha	1974	<i>Vidas Secas</i>	-
<i>São Bernardo</i>	Inglaterra	1975	<i>São Bernardo</i>	R.Scott-Buccluech
	Estados Unidos	1979	<i>São Bernardo</i>	R.Scott-Buccluech
<i>Infância</i>	Inglaterra	1979	<i>Childhood</i>	Celso de Oliveira

Entre 1980 e 1989, vêm a público as seguintes traduções:

<b>Obra</b>	<b>País</b>	<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Tradutor</b>
<i>Vidas secas</i>	Bélgica	1981	<i>Vlucht voor de droogt</i>	Cecília Correia Castilho
	Alemanha	1981	<i>Karges Leben</i>	Wilhelm Keller
	Turquia	1985	<i>Kirac</i>	Akkan Akdag
	Dinamarca	1986	<i>Tørke</i>	Tine Lykke
<i>São Bernardo</i>	Venezuela	1980	<i>San Bernardo</i>	Saúl Ibagoyen Islas
	França	1986	<i>São Bernardo</i>	Geneviève Leibrich

Não constatei publicações de muitas traduções dos três romances na década de 90:

<b>Obra</b>	<b>País</b>	<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Tradutor</b>
<i>Vidas secas</i>	Itália	1993	<i>Vite Secche</i>	Edoardo Bizzarri
	Suécia	1993	<i>Förtorkade Liv</i>	Örjan Sjögren
	Holanda	1998	<i>Dorre Levens</i>	August Willemsen
<i>São Bernardo</i>	Holanda	1996	<i>São Bernardo</i>	August Willemsen

Vale salientar que as tabelas acima não podem ser consideradas completas, uma vez que não encontrei no acervo, que hoje compõe a Biblioteca Brasileira, Coleção Graciliano Ramos, no IEB, outras traduções divulgadas pela imprensa, quando do seu lançamento (caso da tradução para o russo, na antiga União Soviética).

Entre as traduções encontradas, concentrei-me, especificamente, sobre aquelas que incluem glossário, no sentido de verificar os itens lexicais que para o estrangeiro aportam maior carga cultural específica. Partindo das traduções de *Vidas secas* para o alemão, dinamarquês, espanhol argentino e cubano, flamengo, francês, holandês e italiano, construí a seguinte tabela de distribuição dos itens culturais específicos que fazem parte dos glossários examinados:

	alemão	dinam.	esp.arg.	esp.cub.	flamengo	francês	holandês	italiano
Aboio								X
Alastrado								X
Alecrim		X						
Angico		X	X	X	X	X		
Aroeira					X	X		
Baraúna	X	X			X	X	X	X
Beatos			X	X				
Cabra			X	X	X		X	X
Cachaça		X			X	X	X	X
Cangaço			X	X			X	
Cangaceiro		X	X	X		X	X	
Capões	X							
Catinga	X	X	X	X	X	X	X	X
Catingueira					X	X	X	X
Caititu		X						
Cumbuco		X						
Embira								X
Farinha			X	X				
Fazenda					X		X	
Imbu	X	X	X	X	X	X	X	X
Imburana	X	X	X	X	X	X		
Jararaca		X						
Jatobá	X	X	X	X	X	X		X
Juazeiro	X	X	X	X	X	X	X	X
Légua					X			
Macambira	X	X	X	X	X	X	X	X
Mandacaru	X	X	X	X	X	X		X
Matuto			X	X				
Mandioca	X	X						
Mil-reis	X		X	X		X	X	X
Mucunã		X	X	X	X	X		X
Mulungu			X	X	X	X		X
Palmatória						X		X
Pátio	X							
Pé de turco								X
Preá		X				X		
Quipá		X			X	X		X
Quixabeira	X	X	X	X		X		X
Rapadura		X	X	X				X
Retirante			X	X		X		
Sertanejo	X		X	X	X		X	X
Sertão		X	X	X	X	X		X
Seu/sinha	X	X			X		X	X
Soldado							X	
Suçarana		X						
Sucupira	X	X	X	X	X	X		X
Taquari		X						
Tostão	X		X	X	X		X	
Urubu							X	X
Vaquejada								X
Vintém	X				X			
Vossemecê	X	X						
Xiquexique		X	X	X	X	X	X	X

Parece claro, quando se observam os dados acima, que a maioria dos termos referentes à vegetação se faz presente em quase todos os glossários, significando que os tradutores os mantiveram no texto de chegada, optando pelo estranhamento. O fato de que um item léxico-cultural não faz parte de alguns glossários pode indicar que os tradutores o apagaram nas suas traduções, que o tenham substituído por termo afim, domesticando-o, ou ainda que encontraram algo semelhante em sua língua. A comparação entre a diversidade de línguas apresentadas acima e os itens lexicais que podem causar estranhamento ao leitor (aí incluído o tradutor) pode ser um indicativo das diferentes visões de mundo que diferentes culturas têm de uma mesma realidade. Vale observar que as traduções cubana e argentina incluem glossários compostos por termos idênticos e que, curiosamente, não há glossário na tradução publicada na Espanha.

Do mesmo volume da edição belga de *Vidas secas*, aqui examinada, faz parte também a tradução de *São Bernardo*, que, no entanto, não inclui glossário. Algumas outras traduções, como a de *Vidas secas* para o romeno e para o flamengo, em 1981, fazem uso de notas de pé de página, ao invés de glossário. Ao se examinarem as edições publicadas em Portugal, observei que não contêm quaisquer explicações sobre os termos específicos do falar alagoano.

No sentido de fundamentar o estudo, além da pesquisa à coleção em referência, enviei cartas a algumas editoras e tradutores da obra de Graciliano. Lamentavelmente, recebi poucas respostas. O intuito da consulta era indagar sobre as dificuldades encontradas na tradução, obter informação sobre a receptividade da obra no exterior e o posicionamento dos editores no que se refere à publicação de obra literária oriunda de país não hegemônico.

Quando consultado, por telefone, sobre a possibilidade de localizar-se o tradutor de *São Bernardo* para o inglês, o Conselho Britânico em São Paulo informou sobre a morte de Robert Scott-Bucleuch ocorrida por volta de 1994. No entanto, como a editora Álamo publicou, em 1982, uma série de depoimentos sob o título *A tradução da grande obra literária*, foi possível encontrar valiosa informação sobre a experiência de Bucleuch na tradução do romance.

A University of Texas Press, editora da tradução de *Vidas secas*, em correspondência datada de 10 de novembro de 1998, a mim dirigida, informou que, após verificar seus arquivos, não foi possível encontrar informações sobre Ralph Dimmick. Acrescentou que “*given how long ago the book was published, it’s possible that he is no longer living*”. As editoras italianas também informaram sobre a morte dos tradutores de *Vidas secas* (Eduardo Bizzarri) e *São Bernardo* (Gianni Perlo).

Ashley Brown, autor do prefácio da tradução de *Infância* para o inglês, respondeu em nome do tradutor Celso de Oliveira, anexando ensaios de autoria deste e esclarecendo várias questões levantadas na consulta.

Além dessas informações, recebi carta de Örjan Sjögren, tradutor de *Vidas secas* para o sueco, com referências a algumas de suas dificuldades e satisfações. Na carta, acrescenta que o trabalho foi sua estreia como tradutor e que o entusiasmo algumas vezes compensou a inexperiência. Ele próprio sugeriu o romance para a editora e anexou à publicação uma apresentação sua sobre Graciliano. Admite que a tradução foi difícil, mas que gostou de fazê-la. Atribui a dificuldade aos regionalismos e à linguagem despojada do escritor brasileiro. Como queria que o leitor sueco “sentisse” o sertão nordestino, optou por fazer uso, em alguns casos, de “palavras que hoje em dia não se usam muito, e em outros casos (plantas e animais sem nome sueco), fazer uma tradução mais ou menos direta do nome brasileiro” [*sic*]. Parece-me clara a preocupação do tradutor Örjan Sjögren com a transculturação ao tentar levar o leitor ao encontro do texto literário, sem descaracterizar o contexto cultural, onde se insere o texto literário brasileiro.

George Coppens, da editora holandesa Coppens & Frenks, que publicou as traduções de *Angústia*, *São Bernardo* e *Vidas secas*, em carta endereçada a mim e datada de 5 de julho de 1999,

informou que as vendas das traduções de literatura brasileira são modestas, mas que, como sua editora é, e continuará sendo, “*god willing*”, guiada pela qualidade literária, dará continuidade à publicação de obras brasileiras, como por exemplo de Autran Dourado, Adonias Filho, Dyonélio Machado e Graciliano, para mencionar apenas alguns. George Coppens afirma ainda que o leitor holandês não vê esses trabalhos como literatura brasileira, mas simplesmente como boa literatura, e que somente o leitor mais específico busca, particularmente, romances brasileiros. À carta foram anexadas várias resenhas literárias sobre os três romances. Alguns pequenos trechos dessas resenhas, gentilmente traduzidos do holandês para o inglês pelo editor, dizem:

*a superb novel not to missed.* [sic] (sobre São Bernardo, in onzeWereld, junho de 96, p.46).

*a raw but strong novel by Graciliano Ramos, superbly translated* (sobre Vidas Secas, in BN/DeStem, 28 de julho de 98).

*brilliant as a story [...]* (sobre São Bernardo, in De Volkskrant, 22 de maio de 98).

*with ‘Dorren Levens’ Ramos wrote a masterly study of life which itself is only surface and nothing else* [sic] (sobre Vidas Secas, in Boeken, 10 de julho de 98).

*in any case, the intensity of this novel held me captive from the first letter to the last. Discovering writers like this is a feast for the reader.* (sobre Angústia, in Parool, 15 de maio de 95).

*this makes him the great writer he is.* [lamentavelmente não se pode compreender a que o texto em holandês está-se referindo] (sobre Vidas secas, in Vrij Nederland, 20 de junho de 98).

*Graciliano Ramos: another giant from Brazil* (sobre Angústia, in Dagblad Tubantia [a caligrafia não deixa claro o nome desta publicação], 12 de maio de 95).

Constatei que, apesar da crítica bastante favorável, os editores em geral não têm interesse em publicar este tipo de literatura, já que sabem que as vendas serão modestas: “preferem vender obras pobres aos milhares”, segundo George Coppens em sua carta.

O tradutor de *Vidas secas* e *São Bernardo* para o holandês, August Willemsen, em carta dirigida a mim e datada de 25 de junho de 1999, escreveu que o público leitor de literatura brasileira em seu país é pequeno, mas fiel. Quanto ao seu trabalho, afirmou:

[...] na verdade, as dificuldades em traduzir Graciliano Ramos não me pareceram maiores nem menores do que em outros autores. O tradutor tem que respeitar o tom e a fraseologia do autor, e a particularidade, para não dizer notoriedade, de Graciliano é a concisão, a magreza de sua prosa (o ‘gordo’ José Lins do Rego e o ‘magro’ Graciliano [...]) Comparando com Guimarães Rosa: a dificuldade nele é evidentemente a linguagem, mas essa mesma linguagem é tão bizarra que deixa certa liberdade ao tradutor quanto ao significado das palavras [...].

Acrescentou que:

[...] há que levar em consideração um fato curioso: até bem pouco, muita gente não se dava conta de que o português era uma língua, quer dizer uma língua à

parte, independente, e não um dialeto do castelhano. E até no dia de hoje, acho que a maioria da população holandesa pensa que no Brasil se fala espanhol. A conscientização de que existe uma cultura portuguesa, tanto lusitana como brasileira, data de uns 25 anos para cá. E isso, evidentemente, não pode deixar de influir negativamente na aceitação das literaturas portuguesa e brasileira.

A UNESCO respondeu à consulta, enviando cópia da lista do seu acervo de obras representativas, do qual constam *São Bernardo* e *Angústia*, ambas traduções para o francês, e *Infância*, traduzido para o inglês. O documento esclarece que a Coleção de Obras Representativas da UNESCO tem por objetivo estimular a tradução, publicação e distribuição de obras de importância literária e cultural que não sejam conhecidas além de suas fronteiras nacionais de origem ou comunidades linguísticas. Escritores como Albert Camus, Ernest Hemingway e Octavio Paz integram o acervo, do qual fazem parte cerca de mil títulos oriundos de mais de 80 países, traduzidos a partir de aproximadamente cem idiomas diferentes.

Considero válida, no entanto, a observação suplementar de que nem sempre os critérios de tradução de uma obra literária em determinado país, em um dado momento, estão relacionados à literariedade dessa mesma obra estabelecida por um dado sistema cultural, nunca pelo texto em si<sup>2</sup> (TOURY, 1995). Um texto pode tornar-se literário ou perder sua literariedade sem passar por qualquer mudança de organização textual, linguística ou de outra natureza. É a posição sistêmica e a função semiótico-cultural que fazem a diferença.

Um bom exemplo desse fato é a crítica favorável que *Os Sertões* recebeu na Alemanha. Segundo o tradutor Berthold Zilly, a tradução foi publicada por ocasião da guerra da Chechênia, logo depois do esfacelamento da União Soviética e da Iugoslávia. O exército russo invadia vários territórios que buscavam mais autonomia ou o direito de se tornarem estados islâmicos, atuando de maneira bárbara em nome da civilização, da ordem e do esclarecimento. As nações mais ricas do mundo mandavam auxílio material àqueles que padeciam as atrocidades da guerra na Iugoslávia. Assim, o livro de Euclides da Cunha, que revela o choque entre duas culturas, a miséria, a ausência de direitos, com a promessa de uma vida melhor, com menos violência, foi saudado como grande obra, recebido como um paralelo com as barbaridades que assolavam parte do mundo ‘civilizado’ europeu. Mesmo assim, a editora Suhrkamp, que publicou a tradução de *Os Sertões* para o alemão, inicialmente sugeriu que Zilly, que levou ao todo dez anos para concluir seu trabalho, cortasse as partes que os editores consideravam cansativas e aborrecidas, em sua maioria relacionadas à natureza. Nessa ocasião, início dos anos 80, o tradutor, inteligentemente, aludiu a *Guerra e Paz*, para dizer que não se corta um clássico da literatura universal, mesmo que tenha oitocentas páginas<sup>3</sup> (ZILLY, 1997). Ocorre, no entanto, que para um editor europeu ou norte-americano, a literatura universal não inclui títulos brasileiros, podendo ser subjugada aos modelos e normas literárias estabelecidos nessas regiões. A decisão, portanto, é fundamentada em preconceito cultural, constituindo um círculo vicioso: não se traduz literatura brasileira, não se revela a cultura, e o desconhecimento gera a indiferença e o preconceito.

No caso específico da obra de Graciliano Ramos, a pesquisa aos arquivos do romancista permitiu encontrar correspondência da editora francesa Albin Michel endereçada, em meados de 1961, à senhora Heloísa Ramos, viúva do escritor. A carta dava conta das razões pelas quais não aceitavam publicar uma tradução de *São Bernardo* para o francês. Seguem-se trechos da correspondência:

<sup>2</sup> TOURY, 1995, p. 170.

<sup>3</sup> ZILLY, 1997, p. 112.

Ce qui fait l'intérêt de ce roman, c'est que l'auteur a su sa littérature, faire parler et écrire Paulo Honorio comme un homme de son genre, frute et brutal, parlerait et écrirait dans la réalité. Ce style, d'une simplicité et d'une rudesse voulues, est simple et précis. La seconde moitié du livre, celle que retrace le mariage de ces deux êtres aussi dissemblables, puis le naufrage de la vie commune, est supérieur à la première où le fil conducteur manque parfois.

Cependant il y a là un problème et une situation que paraissent spécifiquement brésiliens et sans vraie portée universelle; l'oeuvre, tout en méritant l'attention, ne semble quand même pas assez importante pour que la traduction puisse être conseillée.

[...] nous avons été amenés à renoncer à cette entreprise, les prévisions de vente paraissant d'autre part assez incertaines.

É interessante observar que decorridos vinte e dois anos, em fins de 1983, a senhora Ramos recebeu da Gallimard, conhecida editora francesa, correspondência cujos dois primeiros parágrafos são:

Vous avez l'intérêt que nous porton à l'oeuvre de Graciliano RAMOS puisque nous avons décidé de publier en langue française son ouvrage «SÃO BERNARDO».

Nous souhaiterion prendre en considération ses «MEMORIAS DO CARCERE» dont nous détenons les volumes et vous serions reconnaissants de bien vouloir nous confirmer que vous nous réservez une option sur les droits de publication en langue française de cet ouvrage.

Em duas décadas o romance “deixou de ser especificamente brasileiro” e a obra de Graciliano passou a ser de interesse para uma renomada editora francesa. A pesquisa permitiu-me observar que, em 1988, a editora Gallimard publicou *Mémoire de prison*, tradução francesa de *Memórias do Cárcere*.

## 1 **BARREN LIVES, SÃO BERNARDO E CHILDHOOD**

Em 1962, *Vidas secas* recebe nos Estados Unidos o prêmio William Faulkner de literatura estrangeira. Em 1965, é publicada sua tradução assinada por Ralph Edward Dimmick, sob o título *Barren lives*, que inclui ainda uma introdução de vinte e três páginas, ao longo das quais o tradutor comenta sobre a obra de Graciliano Ramos e sobre Alagoas. Lamentavelmente, não me foi possível tecer comentários sobre as dificuldades que Dimmick encontrou no desenvolvimento do seu trabalho. Acrescente-se, entretanto, que, ao analisar o volume de *Barren lives*, chamaram-me a atenção as ilustrações em bico de pena, que muitas vezes desempenham papel auxiliar do texto traduzido, como a caminhada de Fabiano com a família, constante da capa, do primeiro e do último capítulos do romance, a roupa do vaqueiro, as touceiras de palma. É interessante também observar que a capa do livro traz os nomes de Graciliano Ramos, do tradutor e do ilustrador, Charles Umlauf, numa clara constatação de que se trata de obra traduzida.

Em 1975, a editora inglesa Peter Owen publicou *São Bernardo*, tradução da obra homônima em língua portuguesa. Em 1979, os direitos dessa tradução passaram à editora americana Taplinger. A tradução foi um trabalho de Robert Lascelles Scott-Bucleuch, professor escocês que ensinou

língua inglesa na Universidade de Brasília e na Cultura Inglesa do Rio de Janeiro, de 1963 até meados da década de noventa, quando faleceu. Scott-Buccleuch foi condecorado em 1974 pelo governo brasileiro com a Ordem do Rio Branco e, em 1978, recebeu da Academia Brasileira de Letras a Medalha Machado de Assis. A respeito de seu trabalho, Scott-Buccleuch afirmou em depoimento que “o que gosto de fazer é traduzir textos literários. Enfrentar o desafio de transportar as mesmas idéias de uma língua para outra, transferindo para minha própria língua a beleza que encontro em outras”<sup>4</sup> (SCOTT-BUCCLEUCH, 1982).

No que se refere às dificuldades com as quais se defrontou ao traduzir *São Bernardo*, Buccleuch chamou a atenção para o uso de regionalismos (muitas vezes desconhecidos em outros lugares do Brasil) e para o “estilo limpo, conciso e espartano” do romancista brasileiro, “onde cada palavra é importante”<sup>5</sup> (SCOTT-BUCCLEUCH, 1982), acrescentando que o fato resulta em menor liberdade de ação para o tradutor. Como o romance se desenrola em Alagoas, o cenário e as personagens são bastante diferentes daqueles encontrados na vida urbana do Rio de Janeiro, ambiente mais comum na vivência de um europeu. O tradutor ressalta, ainda,

[...] que São Bernardo fez-me suar muito, e que a tradução foi a melhor que pude fazer. Apesar disso, fiquei insatisfeito e, embora soubesse que alguma coisa estava faltando, não conseguia melhorar o que tinha feito. Finalmente resolvi que não havia nada a fazer, pois o problema era de estilo, da língua em si. O português brasileiro de Graciliano Ramos era parte integrante de sua arte: substituir seu idioma por outro significava uma perda inevitável<sup>6</sup> (SCOTT-BUCCLEUCH, 1982).

Ainda na mesma entrevista, o tradutor informa que *São Bernardo* foi bem aceito na Grã-Bretanha e, na realidade, abriu caminho para a tradução de outras obras de literatura brasileira naquele país. É preciso, não obstante, esclarecer que, quando se fala da boa recepção do romance traduzido, têm-se em mente números que não ultrapassam dois mil exemplares de tiragem na primeira edição. O romance foi mais tarde publicado nos Estados Unidos.

Se por um lado tem-se um relato otimista e relativamente recente sobre a recepção de *São Bernardo* na Grã-Bretanha, por outro, constatei o oposto na França, em 1961, com relação à mesma obra, conforme mencionado anteriormente. O fato pode ilustrar que o mesmo conteúdo cultural pode ser visto de diferentes formas em diferentes países e nas variadas circunstâncias que perpassam o mercado editorial em diferentes momentos.

Ao contrário de *Barren lives*, o volume de *São Bernardo* em língua inglesa, editado pela Taplinger, nos Estados Unidos, não traz na capa o nome do tradutor. O que se vê é o título *São Bernardo*, seguido das informações “*A 20<sup>th</sup> Century Brazilian Classic*”, “*a novel by Graciliano Ramos*”. Os nomes do tradutor e da editora aparecem na página de apresentação. A primeira orelha contém uma sinopse do romance *São Bernardo* e dados sobre o autor. Ademais, nas páginas cinco, seis e sete, o tradutor assina um prefácio sobre o escritor e sua obra, onde inicia afirmando que Graciliano Ramos é pouco conhecido pelo público leitor fora do Brasil. Diz ainda que:

São Bernardo, segundo romance de Graciliano, foi publicado em 1934, sendo considerado por muitos críticos como a obra prima do escritor. Foi o primeiro

<sup>4</sup> SCOTT-BUCCLEUCH, 1982, p. 102.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 106.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 106.

de sua autoria escrito em primeira pessoa, e trata da ascensão e queda de Paulo Honório, sua trajetória de empregado a dono da fazenda São Bernardo, no sertão de Alagoas.

Na contra-capa, a edição inclui duas resenhas, uma da *Publishers Weekly* e outra do Suplemento Literário do jornal britânico, *Times*:

Twenty years after his death, Ramos is almost unknown outside of Brazil, where two of his four novels have been made into films. This slim but powerful book is set in the poverty-stricken farmlands of northern Brazil during the 1920s, when the old estates were being broken up and society was in disorder... Ramos writes in a spare, taut, and ironically elliptical style, managing in a few words to convey the vulnerability that lies under its hero's bitter exterior. This stark novel carries the weight and passion of Ramos's strong if unrelievedly pessimistic view of human destiny (*Publishers Weekly*).

Ramos was a perfectionist who criticized his own works harshly. Yet each of his four novels is a masterpiece in its own way... Ramos creates complex, individual characters in whose personal sufferings are worked out the social contradictions and tensions of the world he is writing about (*Times Literary Supplement*).

É interesse observar que, em nenhuma das resenhas, há qualquer comentário a respeito do tradutor.

No texto de transcrição da conferência proferida por Scott-Bucleuch à ABRATES<sup>7</sup>, em data não mencionada, o tradutor faz referência aos críticos que se manifestaram por ocasião da publicação do romance na Inglaterra. Divide-os em dois grupos: aqueles que têm uma visão estereotipada do Brasil e nenhum conhecimento da língua portuguesa e os que são estudiosos do Brasil, de sua língua e de sua literatura. Em seguida, afirma que dificilmente os críticos conseguem “resistir à tentação de pontificar e de enfatizar a correção e a sensatez de suas próprias opiniões”. Segundo Bucleuch, tal postura exige cautela, especialmente no caso da tradução, uma vez que o leitor não está em posição de formar seu próprio julgamento. Recomenda que a crítica explique, por exemplo, questões que dizem respeito ao estilo do autor, evitando dar a impressão ao leitor de que certas “incongruências” pareçam meramente falhas do tradutor. Bucleuch refere-se, especificamente, à crítica do *Times*, que, apesar de ter sido pródiga em elogios, fez a ressalva de que “algumas expressões soavam estranhas, quando postas na boca de um personagem como Paulo Honório, simples camponês”, levando o leitor a crer que o tradutor emprestou ao personagem um tom literário inexistente no texto de partida. Bucleuch afirma que para o leitor sensível “não é preciso muito esforço de imaginação para ver que há dois Paulo Honório – o cruel fazendeiro que explora e brutaliza seus trabalhadores e o estilista sensível e introspectivo que escreve sua própria vida”. Acrescenta que os dois constituem pólos opostos, e que é aí que se encontra um dos efeitos artísticos da obra.

Em 1979, a mesma editora Peter Owen publica *Childhood*, tradução de Celso de Oliveira do livro de memória, *Infância*, quinto texto literário de Graciliano Ramos (1945). O tradutor é professor e doutor em Literatura Comparada, pela Universidade de South Carolina, Estados Unidos da América, onde ensina, há mais de vinte anos, português e espanhol.

<sup>7</sup> SCOTT-BUCCLEUCH, 1982, p. 106.

*Infância* tem início, quando Graciliano, ainda criança, é levado de Alagoas para a fazenda dos avós maternos em Pernambuco e termina em 1904, época em que o autor conclui sua educação da primeira fase do ensino fundamental. Ao contrário do que se pode observar em alguns textos da literatura brasileira, em poesia ou prosa, não existe nesta qualquer traço de idealização da infância em oposição à difícil realidade da fase adulta. A ‘saudade da aurora da vida’ não se faz presente. O leitor, familiarizado com a produção do romancista, constata que a obra literária de Graciliano Ramos é permeada por reflexos de muitas das emoções penosas geradas por algumas de suas percepções durante a infância, corroborando a conclusão de Baudelaire de que “o gênio é somente a infância redescoberta”.<sup>8</sup>

Trata-se de obra memorialista e narração revivida, regenerada, que pode ser concebida como romance a partir das vivências infantis que povoaram o inconsciente do escritor ao longo da vida, sobre as quais ele derramou sua arte. Memória imaginária ou não, o fato é que Graciliano Ramos viveu sua infância envolvido por traços culturais bem diferentes daqueles que fazem parte da herança cultural do leitor estrangeiro de *Childhood*.

“Parte da dificuldade em se traduzir qualquer obra de Graciliano é que ele viveu no nordeste e fez uso frequente de regionalismos desconhecidos no resto do Brasil”, afirma o tradutor Celso de Oliveira em artigo publicado.<sup>9</sup> Faz também menção específica à inserção ocasional de versos ou cantigas ao longo do romance, citando como especial fonte de dificuldade a transposição de sua estrutura rítmica simples. Refere-se a uma determinada solução que lhe deu especial satisfação, afirmando que “nessas ocasiões o tradutor tem prazer em imaginar que fez sua contribuição à arte da literatura”.<sup>10</sup> Os versos e cantigas a que se refere Celso de Oliveira suscitam um fato curioso no que diz respeito à tradução. Há tanto em *Infância*, quanto em *São Bernardo* referência a uma mesma quadrinha:

Eu nasci de sete meses,  
Fui criado sem mamar.  
Bebi leite de cem vacas  
Na porteira do curral. (*Infância*, p. 9; *São Bernardo*, p. 138)

Celso de Oliveira e Scott-Buccluech encontraram, respectivamente, as seguintes soluções na tradução da cantiga para o inglês:

<p><i>I was born in seven months I was raised but never weaned. I drank milk from a hundred cows At the gate of our corral (p. 23).</i></p>	<p><i>I was born a seven months baby, Mother's milk I never knew; A hundred cows there were to give me Pure white milk by the stable door (p. 115).</i></p>
---	---

O fato leva-me a crer que o tradutor de *Infância* preferiu encontrar suas próprias ‘saídas’ a reproduzir algo anteriormente traduzido, já que em seu livro *Understanding Graciliano Ramos*, parte da série *Understanding Contemporary European and Latin American Literature* (University

<sup>8</sup> BARROSO, *apud*, PAES, 1998, p. 6.

<sup>9</sup> OLIVEIRA, 1982, p. 54.

<sup>10</sup> *Ibidem*, 1982, p. 57.

of South Carolina Press, 1988), faz referência ao fato de que a mesma quadra popular está também presente em *São Bernardo* (“*In São Bernardo Casimiro Lopes sings exactly the same tale...*”).<sup>11</sup>

O breve estudo que apresento neste artigo confirma, em outras palavras, que a tradução do texto literário vem conceder ao leitor “a lente que faculta, à miopia do monolíngüe, enxergar o mundo, vasto mundo que se estende para além das suas limitações lingüísticas”,<sup>12</sup> podendo ser, portanto, um importante veículo de compreensão das diferenças entre as sociedades humanas. Deixo aqui a sugestão, para os que assim o desejarem, sobre a publicação ou não de novas traduções ou edições da obra de Graciliano Ramos, já no século XXI.

## REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, C. *Understanding Graciliano Ramos*. Columbia: University of South Carolina Press, 1988.

OLIVEIRA, C. On Translating Graciliano Ramos. *In: Translation Review*. University of Texas Press at Dallas, 1982.

PAES, J. P. *Tradução: a ponte necessária*. São Paulo: Ática, 1990.

RAMOS, G. *Childhood*. Tradução de Celso Lemos de Oliveira. London: Owen, 1979.

ROSENTHAL, E. T. Alteridade na tradução literária. *In: ENCONTRO NACIONAL DE TRADUTORES. A TRADUÇÃO: ALVOS E FERRAMENTAS*, 4., 1990, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: USP/FFLCH/DLM/CET, 1990.

SCOTT-BUCCLEUCH, R. L. A bagaceira (José Américo de Almeida). *In: ROCHA, D. da et al. A tradução da grande obra literária: depoimentos*. São Paulo: Álamo, 1982.

TOURY, G. *Descriptive translation studies and beyond*. Philadelphia: Benjamin Translation Library, 1995.

ZILLY, B. Entrevista. *Cadernos de Literatura em Tradução*, São Paulo, n. 1, p. 111-126, out. 1997.

---

<sup>11</sup> OLIVEIRA, 1988, p. 62.

<sup>12</sup> PAES, 1990, p. 110.